

RESUMO / ABSTRACT

BRASÍLIA E O BRASIL EM UM CONTO DE LUIZ VILELA

O conto “Você verá”, de Luiz Vilela, encena episódio corriqueiro ocorrido em 1964 em Brasília. Narrado quarenta anos após o fato, o conto, através de uma mudança no tempo de um verbo no último parágrafo da narrativa, desvela a cosmovisão autoral sobre um país que não realizou as esperanças de que deixaria o “berço esplêndido” no qual repousava.

Palavras-chave: ficção e história; literatura brasileira contemporânea; teoria literária.

BRASILIA AND BRAZIL IN A SHORT-STORY BY LUIZ VILELA

The short – story “Você verá” [“You will see”], by Luiz Vilela, performs a trivial episode occurred in 1964 at Brasilia city. It was narrated forty years after this fact through a change in the tense of the verb of the narrative last paragraph. The short-story reveals the author’s worldview of a country that had no hopes to leave the “splendid cradle” in which it used to lay.

Keywords: fiction and history; contemporary Brazilian literature; literary theory.

BRASÍLIA E O BRASIL EM UM CONTO DE LUIZ VILELA

Rauer Ribeiro Rodrigues

Professor Doutor de Literatura Brasileira na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Corumbá-MS

rauer.rauer@uol.com.br

O escritor mineiro Luiz Vilela é autor de mais de uma dezena de títulos, entre romances, novelas e contos. As narrativas do ficcionista, ao empreenderem histórias do cotidiano de pessoas comuns em dramas corriqueiros, têm sempre por substrato o momento histórico contemporâneo do narrador. Assim ocorre, por exemplo, no conto “Você verá”, que interliga, por meio de recurso linguístico de rara felicidade e valendo-se da memória, um dia qualquer de um jovem com o passado e o futuro do Brasil. Demonstrar esse feito é nosso objetivo neste trabalho.

“Você verá” foi publicado no site “NoMínimo” em 21 de abril de 2005¹. Nele, um jovem relata sua partida, na madrugada de 21 de abril de 1963, de uma visita à nova capital do país, Brasília. O conto se abre com o protagonista saindo do hotel em um táxi e vendo que “o dia ainda está escuro” e termina com o céu “devagarzinho, clareando” no alvorecer no planalto central. Entre os dois momentos, o diálogo – que parece banal, apenas para passar o tempo – do rapaz com o atendente de um bar na rodoviária deserta.

O olhar panorâmico, pois, emoldura o conto, indicia que temos um efeito único, enquanto certo tom de esperança que se desvanece constitui a impressão de totalidade que o conto destila. Temos um acontecimento cotidiano, que fica entre o corriqueiro de Tchekhov e o momento especial de vida dos

¹ Como o site não está mais disponível, e o conto não foi ainda publicado em livro, nós o reproduzimos como Anexo.

contos de Maupassant. A atmosfera do diálogo é rarefeita e, mais do que as palavras enunciadas, os silêncios e os não-ditos constroem efeitos de sentido.

Em “Você verá” compõem as características que compõem o estilo do ficcionista: o diálogo rápido, a descrição em poucas palavras, mas sem secura, a pureza límpida de uma narração em que nenhum detalhe é aleatório – nada, em uma narrativa de Luiz Vilela, é gratuito. A enganosa simplicidade do conto, que a desatenção pode levar o leitor a se acreditar diante de uma mera crônica memorialística, abre, através de personagens anônimos e de fatos miúdos do cotidiano, o véu da História e do homem imerso no fluxo dos acontecimentos do país.

O relato recupera um episódio de há quarenta anos, mas o discurso se dá como se a enunciação fosse no presente; o primeiro parágrafo do conto é: “Pego um táxi no hotel. São quatro e quinze; o dia ainda está escuro. Nas ruas, iluminadas, não há quase nenhum movimento: nem de gente nem de carros. A cidade dorme”.

Em “Você verá” temos uma primeira história, evidente, do narrador que termina sua visita a Brasília e troca algumas palavras com o atendente no bar; temos uma segunda história, a do desencanto do sexagenário com o Brasil que ele vê e a esperança que ele tem no futuro do país. A fusão das duas histórias² forja uma terceira história: a crônica da desesperança que decorre de o país continuar deitado eternamente em berço esplêndido, conforme nos assevera o próprio Hino Nacional do Brasil³.

As linhas subterrâneas da narrativa são construídas por meio da condensação que o conto atinge, em linguagem cotidiana, de fato que parece autobiográfico e que oculta, subentendida, a história dos que acreditavam no Brasil grande no início dos anos sessenta, o que indicia, em moto perpétuo, um eterno retorno de crença e desesperança. Esse efeito é construído com uma única inflexão verbal – o conto transcorre todo no presente: “pego”, “faz”, “pergunta”, “digo” etc., e, no último período, um verbo no durativo, “pensando”, repete-se duas vezes na mesma frase, “enquanto lá fora o céu ia, devagarzinho, clareando”. E então se descortina, para o leitor, que a história ocorreu quarenta anos antes da enunciação da narrativa, e que as esperanças que o senhor manifestara para o jovem, o jovem agora na idade do seu antigo interlocutor, deveria ver realizadas – mas não é o que acontece, pois o céu “ia” clarear, e o passado, assim enunciado rememorando aquela manhã de uma segunda-feira “de abril de mil novecentos e sessenta e três”, o que somente agora é informado pelo narrador autodiegético, não deixa dúvidas: o céu do Brasil não clareou, as esperanças não se confirmaram.

² Essa concepção do conto ser uma narrativa com duas histórias foi desenvolvida por Píglia (1994, p. 37-41) a partir das concepções de conto literário de Edgar Allan Poe (1985, p. 101-112) e do conceito de iceberg, elaborado por Ernest Hemingway (1990, p. 44, p. 81 e p. 148; e também Hemingway, 2011).

³ Ver em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/hino.htm>. Acesso em: 20 jul. 2012.

As vozes que se cruzam no conto são representações de vozes sociais ao mesmo tempo individuais e arquetípicas. Senão, vejamos. O senhor de idade, aos sessenta anos, migrante para a capital do país, encerra ali, como atendente de bar, sua trajetória: sente que sua vida não foi em vão, pois lega a esperança no futuro aos jovens de seu país. O jovem, aos vinte anos, em uma viagem especulativa, foi conhecer Brasília: sente-se “[t]ranquilo, com tudo certo”, como a referendar que no jovem pode-se sim depositar esperança, pois ela se reverterá em realidade. O homem da lanchonete é aquele que conquistou alguma ascensão, deixa um patrimônio (a esperança), representa o passado. O jovem é a força potencial, aspira realizar-se, simboliza o futuro. Os arquétipos estão configurados.

Então o conto faz um movimento suave: o diálogo entre os dois encerrou; o jovem adquiriu sua passagem de ônibus, dispõe de tempo até a partida; fuma tranquilo seu cigarro vendo a manhã clarear sobre a cidade que dormia – “[a] cidade dorme”, o jovem anotara no início da narrativa; já agora, “o céu ia, devagarzinho, clareando naquela segunda-feira de abril de mil novecentos e sessenta e três.” Assim, o movimento suave cai brusco sobre o leitor, que descobre, no mesmo compasso frásico, que a narrativa ora enunciada se refere a um fato de quarenta anos atrás, e que o tempo presentificado e atualizado pelo enunciatador até então se torna um passado remoto; o verbo no pretérito, “ia”, indicia o aspecto incipiente de um processo que se inicia, desvela não somente a distância temporal, mas também encerra nele as esperanças não realizadas pelo país, o que é desvelado – com essa inflexão do verbo – pelo narrador.

A oposição fundamental sobre a qual se erguem as estruturas semionarrativas e discursivas de “Você verá” estabelece um *continuum* do passado para o futuro, tendo nas vertentes de contradição (não-passado e não-futuro) um tripé que se realiza pelo presente: o eu/aqui/agora da enunciação, como presente da enunciação, do enunciado e do narratário. Ao construir o jogo, embaralhando os vértices da contradição e para ele atraindo, patemizado, o leitor, o conto introduz, na sua imanência escritural, as aspirações do narratário, que se torna cúmplice das esperanças não realizadas, sofre com elas, irrita-se com o destino desperdiçado, com as gerações que o país descarta, por não adquirir competência para obter uma sanção eufórica, restando sempre a desilusão ao final de cada balanço histórico.

Para erigir essa identidade do narratário com os atores encenados, além da presentificação enunciativa, Luiz Vilela se valeu das vozes ao mesmo tempo individuais e sociais do conto e pela manipulação da função do narrador que, muitas vezes, não se figurativiza: é como se o narrador se negasse a si mesmo, excluindo-se de suas funções. O texto que parece, assim, se narrar por si só, revela, semioticamente, a presença do próprio autor, instância antes invisível que, mesmo sem nenhuma intervenção aparente no discurso, “fala” diretamente ao narratário.

Em “Você verá”, o quadrado semiótico pode ser simplificado no esquema:

Passado → Presente → Futuro.

Esse *continuum*, localizado na estrutura básica, aglutina outras oposições contraditivas, tais como Esperança-Potência-Desilusão e Jovem-não-Jovem/não-Velho-Velho. No discurso, os termos da contradição (não-Jovem e não-Velho), no eixo da subcontrariedade, não podem ser unidos, por empíricos, como o termo “Presente”, que une em si a subcontrariedade não-Passado/não-Futuro. Desse modo, temos aqui uma fratura, um imperfeição, aquela “dissimetria, que se supõe criadora de novos choques e de outras fissuras”, como – em termos teóricos – a qualificou Greimas (2002, p. 88), e que indicia uma “fusão do sujeito com o que está fora dele” (GREIMAS, 2002, p. 87), criadora do efeito estético, por meio do estabelecimento da “linguagem poética” (GREIMAS, 2002, p. 86). É desse modo que o autor Luiz Vilela como que pisca para o leitor⁴, e a cosmovisão autoral se patenteia por intermédio do discurso ficcional.

Na estrutura discursiva, a desestabilização textual ocorre, como vimos, quando o narrador, em uma única ocasião, abandona a presentificação do relato e utiliza o verbo no pretérito, “ia”, um pretérito imperfeito, que carrega um efeito de permanência, de algo que começou no passado, mas que se prolonga no presente, que não se extingue. Para o narrador, trata-se de uma construção verbal cuja duração é a do tempo do relato, aquela meia-hora até a saída do ônibus, aquele instante em que o sol vence as brumas da alvorada para o dia se impor sobre a noite. Para o narratário, a mudança verbal causa estranheza momentânea. Para o leitor, a estranheza se transforma em perplexidade, na busca de razões para tal movimento discursivo.

Ao se indagar das motivações para essa mudança verbal, o leitor empreende uma retroleitura que ilumina o percurso textual como um discurso histórico sobre o país ali representado. E percebe que o autor, nessa única palavra de duas vogais, inseriu o seu recado, mostrou-se como um agente de leitura do mundo referencial que o conto representa.

Desse modo, o autor assumiu o lugar do narrador, produziu uma leitura do mundo, assinou a sua obra, e a entregou para o leitor, diante da polifonia que inclui as vozes sociais e históricas, presentes no conto, ao lado da voz do autor (também social e histórica) construída como discurso; assim, a voz que aqui surge desempenha uma função-autor de ser instância de relação com a realidade, tendo de um lado o histórico e de outro o simbólico, congregando-os em si como ideologia e desempenhando papel intermédio entre o escritor e o autor implícito, sendo este o responsável pela manipulação do mundo ficcional. Pode-se nomear a essa instância extradiegética, que traduz e julga o referente para além do autor implícito, de autor-explicito (cf. RAUER, 2006).

⁴ Eco (2003, p. 206, 211 e 212) fala em piscadela culta, de olhos e de texto, em sentido do qual nos aproximamos, mas que neste trabalho tem nuances extras, conforme delineado por Rauer (2006), em *Faces do conto de Luiz Vilela*.

A coalescência que anotamos entre representação ficcional e discurso que aspira ser representação da realidade, como emerge da afirmação de que o “enunciador verdadeiro [...] não é outro senão o próprio autor” (BERTRAND, 2003, p. 148), pode ser essa instância – o autor-explícito – que vimos configurado no conto de Luiz Vilela: um sujeito histórico, imerso na sua realidade social, que toma partido através das opções discursivas e narrativas de sua obra.

Para concluir, retomemos a narrativa e refaçamos nosso percurso.

Temos uma primeira história, evidente, do narrador que termina sua visita a Brasília e troca algumas palavras com o homem de sessenta anos que o atende no bar da rodoviária; temos uma segunda história, a do desencanto do sexagenário com o Brasil que ele vê e a esperança que ele tem no futuro do país. A fusão das duas histórias forja, quase como uma epifania que atinge ao leitor, uma terceira história, a crônica da desesperança que decorre de ver o Brasil deitado eternamente em berço esplêndido.

O movimento do conto tem algo da construção da visão pirrônica do cético, no movimento em que visualiza o objeto, o decompõe, o recompõe em sua totalidade, e então o apreende claramente em sua totalidade, percebendo que não é possível emitir juízo de valor, pois tanto o valor positivo quanto o negativo podem ser igualmente defendidos, sem que nenhum deles possa se afirmar com estatuto de verdade. O fenômeno observado pode se constituir por intermédio de um chiste, de uma epifania ou, mesmo, de um chiste epifânico⁵. Desse modo, o cético suspende sua avaliação quanto a definir seu juízo sobre o fenômeno, linguístico ou histórico, que tem sob seus olhos. No entanto, não é o que ocorre na narrativa de Luiz Vilela, pois após percorrer o caminho do cético, o narrador, que – como vimos – é como que uma explicitação discursiva do autor, faz juízo cáustico da realidade, o que emerge dos subterrâneos do conto pela forma como a linguagem é habilmente manipulada quanto ao jogo temporal imprimido nas últimas linhas do relato.

O *iceberg* dessa narrativa – com seu tom memorialístico, de quase uma crônica aos moldes da acepção original da palavra – é construído, pois, através da condensação que o conto atinge, utilizando linguagem simples, cotidiana, de um fato que parece autobiográfico, e que oculta, subtendida, a história de milhões de pessoas que acreditavam no Brasil grande no início dos anos sessenta do século XX, o que indicia, como um moto perpétuo, um eterno retorno de crença e desesperança. Esse efeito é construído com uma única inflexão verbal, que descortina, para o leitor, que a história ocorreu quarenta anos antes da enunciação da narrativa, e que as esperanças do início dos anos sessenta deveriam ter

⁵ Sobre ceticismo, chiste, epifania e chiste epifânico, ver *O ceticismo na obra de Machado de Assis* (MAIA NETO, 2007), *Os céuticos gregos* (BROCHARD, 2009), *O mundo como GRAÇA e representação: epifania, polifonia e nihilismo em Luiz Vilela* (FRANJOTTI, 2011), “A epifania nos tankas de Wilson Bueno” (YAMAMOTO; RODRIGUES; GRÁCIA-RODRIGUES, 2011) e *O chiste epifânico em Luiz Vilela* (PEREIRA, 2010).

se realizado, mas isso não aconteceu, pois o céu do Brasil “ia” clarear, o que se frustrou e as esperanças morreram ainda em crisálida.

Referências bibliográficas

BERTRAND, Denis. *Caminhos da semiótica literária*. Trad. de Ivã Carlos Lopes *et al.* [Grupo Casa]. Bauru, SP: Edusc, 2003.

BROCHARD, Victor. *Os cétricos gregos*. Trad. de Jaimir Conte. São Paulo: Odysseus, 2009.

ECO, Umberto. *Sobre a literatura*. Trad. de Eliana Aguiar. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

FRANJOTTI, Ronaldo Vinagre. “O mundo como GRAÇA e representação: epifania, polifonia e niilismo em Luiz Vilela”. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2011. Disponível em: <<http://gpluizvilela.blogspot.com/p/fortuna-critica.html>>. Acesso em: 16 abr. 2011.

GREIMAS, Algirdas Julien. *Da imperfeição*. Pref. e trad. de Ana Claudia de Oliveira. Apres. de Paolo Fabbri, Raúl Dorra, Eric Landowski. São Paulo: Hacker, 2002.

HEMINGWAY, Ernest. “A arte da ficção 21”. In: _____. *As entrevistas da Paris Review*, v. 1. Trad. de Christian Schwartz, Sérgio Alcides. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 58-92.

_____. *Hemingway por ele mesmo*. São Paulo: Martin Claret, 1990.

MAIA NETO, José Raimundo. *O ceticismo na obra de Machado de Assis*. São Paulo: Annablume, 2007.

PEREIRA, Londina da Cunha. *O chiste epifânico em Luiz Vilela*. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2011. Disponível em: <<http://gpluizvilela.blogspot.com/p/fortuna-critica.html>>. Acesso em: 20 jul. 2012.

POE, Edgar Allan. “Filosofia da composição”. In: _____. *Poemas e ensaios*. Trad. de Oscar Mendes e Milton Amado; org. rev. not. de Carmen Vera Cirne Lima. Porto Alegre: Globo, 1985. p. 101-112. (Biblioteca dos Séculos).

RODRIGUES, Rauer Ribeiro. *Faces do conto de Luiz Vilela*. Araraquara, SP, 2006. 2 volumes. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, UNESP. Disponível em: <http://www.athena.biblioteca.unesp.br/exlibris/bd/bar/33004030016P0/2006/rodrigues_rr_dr_arafcl.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2012.

YAMAMOTO, Cícera Rosa Segredo; RODRIGUES, Rauer Ribeiro; GRÁCIA-RODRIGUES, Kelcilene. “A epifania nos tankas de Wilson Bueno”. *Cadernos de Semiótica Aplicada*, v. 9, nº 2, dez. 2011. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/casa/article/view/4723/4026>>. Acesso em: 20 jul. 2012.

ANEXO

Convidados: “Você verá” — No aniversário de Brasília, que hoje faz 45 anos, *NoMínimo* publica um conto inédito sobre a capital escrito pelo mestre mineiro Luiz Vilela. Autor de *A cabeça*, entre outros títulos, Vilela é um expoente do gênero no Brasil. Boa leitura!

VOCÊ VERÁ

Luiz Vilela

Pego um táxi no hotel. São quatro e quinze; o dia ainda está escuro. Nas ruas, iluminadas, não há quase nenhum movimento: nem de gente nem de carros. A cidade dorme.

O táxi me deixa na rodoviária, que também, a essa hora, está quase deserta, com quase tudo fechado. Mas eu descubro um barzinho aberto e vou até ele.

O dono – um simpático senhor de meia-idade, cabelos grisalhos, bigode – faz uma expressão de surpresa ao me ver entrando. Eu explico: meu ônibus é às seis, mas eu não tinha ainda comprado a passagem, e então... Ele sacode a cabeça, concordando. Pergunta o que eu quero.

“Um cafezinho.”

“Cafezinho não tem ainda”, ele diz; “mas eu vou fazer.”

“Eu espero.”

Deixo minha mala, pequena, no chão, empoleiro-me no banquinho e fico esperando.

No bar – um cômodo onde, além do essencial para o bar funcionar, mal cabem as duas mesas com cadeiras que nele estão – só há nós dois, e nenhum fala nada enquanto ele faz o café.

Pendurada na parede há uma foto da cidade, uma vista aérea. A foto é grande e está numa moldura

caprichada, de vidro.

Ele despeja a água fervente, e uma fumacinha sobe, espalhando pelo ar o cheiro bom do café recém-coado. Pega então uma xícara e um pires, brancos, de louça, e põe à minha frente. Em seguida, puxa para mais perto de mim o açucareiro e um copinho de vidro com as colherzinhas.

Tomo o primeiro gole. Ele fica à espera, me observando, e então pergunta:

“Está bom?”

“Está”, eu digo; “está ótimo.”

Ele sorri, contente.

“Mais alguma coisa?”

Olho, através do vidro do balcão, os doces e os salgadinhos; não há muito o que escolher.

“Um pão-de-queijo”, digo.

Ele pega, com o pegador de metal, um pão-de-queijo – o maior, eu noto – e me dá.

“Você é mineiro?”, pergunta.

“Por causa do pão-de-queijo?”

“Não, não é por causa do pão-de-queijo: é porque mineiro não perde o trem...”

Eu rio e repito a minha explicação sobre a passagem.

“Você está certo”, ele diz, amável.

“E o senhor?”, pergunto, para ser educado. “O senhor é daqui?”

“Daqui não tem ninguém”, ele diz; “todo mundo aqui é de fora.”

Eu balanço a cabeça, meio envergonhado da pergunta que fizera, pois...

“Eu vim do norte”, ele continua; “eu deixei tudo e vim para aqui; eu deixei até minha família.”

“Sei...”

“Você já conhecia Brasília?”, ele pergunta.

“Não; eu vim conhecer agora.”

“Gostou?”

“Gostei. Achei a cidade bonita.”

“Você foi ao Palácio da Alvorada?”

“Fui.”

“E ao Palácio do Planalto?”

“Fui.”

“E à Catedral?”

“Também.”

E a isso, e àquilo, ele segue perguntando, sem nem me dar tempo de responder – o que eu acho

bom, porque algumas coisas que ele me pergunta eu nem sabia que existiam...

“O futuro está aqui”, ele diz, enchendo o peito. “Um novo país está nascendo aqui, nessa cidade.”

Eu balanço a cabeça, enquanto como o meu pão-de-queijo e bebo o meu café.

“Um país onde todos terão oportunidade, onde ninguém mais passará fome, ninguém mais precisará pedir esmola nas ruas. Um país de gente feliz, um país de paz e prosperidade. Um país, enfim, que é o país com que todos nós, brasileiros, um dia sonhamos.”

Eu balanço a cabeça.

“Eu talvez não vá ver tudo isso, porque já estou com sessenta anos e porque isso não é uma coisa que se faz de um dia para outro; nem de um dia para outro nem de um ano para outro. Deus, que é Deus, não fez o mundo em seis dias?”

“É”, eu digo.

“Então?”

Eu balanço a cabeça.

“Eu talvez não verei; mas você, você que é muito mais novo do que eu, você verá. Quantos anos você tem?”

“Vinte.”

“Vinte. Pois é: daqui a quarenta anos, quando você estiver com a minha idade, quando você estiver com sessenta anos, você vai se lembrar desse dia e de tudo o que eu disse.”

Eu balanço a cabeça de modo mais enfático, como a dizer que sim, vou sim, eu vou lembrar.

“Será um outro Brasil”, ele prossegue, entusiasmado, “um Brasil...”

Ele se interrompe com a chegada de uma mulher.

“Pois não, minha senhora...”, diz gentilmente.

Eu olho as horas: já são quase cinco. Mastigo e engulo o último pedaço do pão-de-queijo – o café já acabara –, limpo a boca com o guardanapo de papel, e então pego no bolso a minha carteira.

“Não”, ele diz, espalmando a mão à minha frente: “você não vai pagar nada.”

“Por quê?...”, eu pergunto.

“É uma homenagem minha”, ele diz, sorrindo alegremente; “uma homenagem que eu faço aos mineiros, e principalmente ao maior deles: o homem que construiu esta cidade.”

Eu agradeço muito e digo que nunca me esquecerei daquele dia – do cafezinho, das palavras dele e daquele gesto de generosidade.

Pego então minha malinha e despeço-me dele com um forte aperto de mão.

“Boa viagem!”, ele diz.

No saguão, outras portas já se abriram, algumas pessoas passam com malas, um ônibus chega – a

rodoviária começa a se movimentar.

Subo então para a parte de cima. Vejo que os guichês já estão funcionando e que, felizmente, não há fila. Compro a minha passagem.

Confiro o meu relógio com o da rodoviária: os dois marcam a mesma hora, cinco e vinte. Mais de meia hora ainda para o meu ônibus.

Tranquilo, com tudo certo, sento-me numa cadeira e acendo um cigarro. E ali fico, pensando em muita coisa, e ao mesmo tempo não pensando em nada, enquanto lá fora o céu ia, devagarzinho, clareando naquela segunda-feira de abril de mil novecentos e sessenta e três.

Site *NoMínimo*, Rio de Janeiro, 21 abr. 2005: <http://nominimo.ibest.com.br/notitia/servlet/newstorm.notitia.presentation.NavigationServlet?publicationCode=1&pageCode=15&textCode=16374&date=currentDate>

Recebido em 22 de setembro de 2011

Aprovado em 15 de outubro de 2011